

Suplemento Cultural

UM 'CAUSO' ENGRAÇADO: DEFUNTO BÊBADO DE AQUIDAUANA

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO –
Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Corria o ano de 1953, no populoso Bairro Alto, não muito distante do centro de Aquidauana, nas proximidades do areão, onde mais tarde ergueu-se, majestoso, o Colégio CEJAR. Ali existia um cemitério com capacidade para apenas trinta túmulos, atendendo principalmente as famílias pobres e indigentes da cidade. Quando anoitecia, quem morava além do cemitério tinha cisma de passar em frente, devido as histórias de assombração contadas pela população. A molecada do bairro inventava inúmeras diabruras no cimo das sepulturas para assustarem os transeuntes.

Certa feita os meninos tomaram um enorme mamão verde e, com maestria, tiraram-lhe as sementes, improvisaram olhos, nariz e boca, acendendo no interior uma vela, transformando assim a fruta numa horripilante caveira. Para completar o quadro dantesco, os diabinhos se esconderam atrás dos túmulos, gemendo, miando e balançando a pretensa "assombração". Os pobres moradores, com o coração aos pulos, trêmulos, embrenharam-se numa picada feita no mato, para fugirem do assédio daquela horrível "alma penada". Com fatos semelhantes, a molecada soltava gargalhadas num divertimento que era aprovado por poucos no bairro.

No túmulo da frente estava enterrada uma senhora que, por motivos inexplicáveis, passou a ser reverenciada como milagreira. Diziam que alguém sofria de dores terríveis na cabeça e, ao passar em frente da cova, exatamente ao meio dia, ao olhar para a cruz da enterrada, fugiu-lhe a dor, ficando curada



(FOTO: GOOGLE)

EMBORA CHAMADO DE 'CAMPO SANTO', certas pessoas supersticiosas evitam ou temem passar em frente a cemitérios

para sempre. Logo, a cidade tomou conhecimento e quem penava de algum mal corria para a nova "obradoradora de milagres". Não se via outra coisa, o povo em geral, ricos e pobres, ansiosos do amparo e cura da "santa do Bairro Alto", afluíam em massa.

Frequentava assiduamente o lugar o mendigo Papil, considerado o maior pinguço da cidade. Ninguém sabia com precisão a sua origem. Vivia como um cigano, perambulando de rua em rua, dormindo nas sarjetas e até nas calçadas das casas. Para ganhar algum dinheiro se oferecia como roçador de quintal, rachador de lenha, plantador de mandioca e outros serviços do ramo, enfim era um biscateiro. Papil não costumava beber nos bares, porém enchia a cara de cachaça no alambique do Tomasshiro, na parte alta do bairro. Por ser um bêbado calmo, bonachão e amigo dos moradores, a molecada não o azucrínava muito.

Naqueles dias São Pedro abriu as comportas do céu e a chuva caiu torrencialmente no Bairro Alto. As águas rolaram fortes sobre as ruas,

levando tudo de roldão. O cemitério foi atingido com enormes valas, trazendo à tona os restos mortais de alguns defuntos. Os devotos da "milagreira" enfrentaram a fúria da correntez, recuperaram os ossos da mulher e os depositaram num lugar seguro. Quando a tormenta passou, os transeuntes, ainda cismados, roçavam os olhos na cova vazia e funda, já que esta ficava na beira da rua.

Num belo dia o pinguço Papil descia a rampinha da rua, aos tombos, balbuciando palavras ao vento. Ao passar em frente do revirado cemitério, aproximou-se da cova da "milagreira", olhou para dentro, deu uma fungada de deboche, afrouxou as pernas, desequilibrouse, marinhoou o corpo no espaço e foi ao fundo. Minutos depois, Santos Martinez, o pãozeiro que fazia entrega de pães no bairro, descia a rampa com o balaio abarrotado na cabeça. Terrivelmente desconfiado, arrepiou os cabelos ao ouvir palavras desencontradas vindas da cova aberta. O pãozeiro entrou em pane quando a voz cavernosa do bêbado explodiu agonizante no ar:

“

Num belo dia o pinguço Papil descia a rampinha da rua, aos tombos, balbuciando palavras ao vento. Ao passar em frente do revirado cemitério, aproximou-se da cova da 'milagreira.'"

– Me tira daqui, homem...

Como um furacão de mil demônios, Santos Martinez disparou rua abaixo, completamente alucinado, aos berros:

– A mulher virou homem na cova... Socorro!... Socorro!...

O balaio foi jogado no meio da rua. Os pães espalhados eram um espetáculo à parte. A molecada, aos risos e mofas, limpava os pães nas próprias camisas e mandavam para a boca. Desconfiada de tudo, a menina correu até o cemitério e em meio às gargalhadas e motejos retirou o pinguço da sepultura assombrosa.

Até muito tempo depois, quando alguns dos sobreviventes daquele episódio, como o ex-deputado Nelson Trad e o Professor Orlando Mongelli (meninos na época) se lembravam do acontecido, caíam na risada. O beberrão, com certa brevidade, como era esperado, de tanto enfiar a cara na cachaça, foi acometido do mal de cirrose, falecendo como um verdadeiro farrapo humano.

Cecília Meireles – Quando a poesia transcende as asperezas do tempo

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Em 1946, numa reunião de escritores, no Rio de Janeiro, os olhos verdes de Cecília Meireles pousaram em mim com reflexos de luz transcendental, que nunca mais consegui esquecer

Sua poesia, nuvem branca no céu alto, ensina-me até hoje a reler os enigmas de um mundo sem solução.

Alguns anos mais tarde, em novembro de 1964, estava dando uma aula de Português no Colégio Maria Constança de Barros Machado, quando uma das alunas subitamente abriu a porta para anunciar: Cecília Meireles morreu.

Foi como se tivesse perdido um pedaço de mim. Cecília, a doce Cecília, deixara-me de repente imersa em silêncio e solidão, mãos paradas no ar na inutilidade de qualquer gesto.

Ela, que durante três anos, havia lutado com extrema coragem con-

tra a doença, sem se afastar dos pequenos prazeres do cotidiano, sem deixar de louvar a liberdade, "essa palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda". Seguiu serena em direção aos céus da divina poesia, deixando-nos carentes de um talento, que cresce à medida que navegamos em seus poemas.

Desde criança, marcada pela presença da morte, Cecília fez das coisas frágeis o motivo central de uma poesia voltada para a eternidade.

Nascida três meses depois do falecimento do pai, perdeu a mãe, quando tinha apenas três anos de idade. Educada pela avó materna, Jacinta Garcia Benevides, foi profundamente influenciada por estas e outras mortes ocorridas na família. A intimidade com o eterno levou-a a afirmar num dos poemas: "andar em que o poeta não necessita de nada", pois a transitoriedade cons-

tituiu o cerne de suas criações.

A vida, reino de metamorfoses, sempre lhe deu saudades do eterno, sempre lhe foi como uma espécie de exílio, "um brumoso navio, que me carrega para o mar da eternidade". "Procurando ser "uma coisa serena, isenta e fiel", nunca se apegou ao passageiro ou às pessoas. Seguiu seu rumo como pássaro, cujo único destino era a integração com Deus.

A poesia de Cecília Meireles é a captação do jogo amar/sofrer./sonhar/viver" através de signos úmidos de magia, que impregnaram nossos sentidos de um encanto que nos impele em direção ao infinito onde reside a beleza, que não morre.

Com ela, caminhamos sozinhos pelo vale, conscientes de que somos apenas donos da passageira tarde. Nosso olhar atravessa o cristal das palavras para nos dar consciência de que tudo passa, nada resta a não ser a certeza de que estamos, como diz o poeta

Apollinaire, 'lançados no grande rio, que passa, e no qual permaneceremos, enquanto tivermos coragem de retirar as algemas dos braços para voar em direção às montanhas do sonho, em cuja plenitude atingiremos a felicidade'.

Recado a Cecília:

Doce amiga, que andaste pelo arco-íris, que navegaste por tantos navios, que recriaste a vida pela força da palavra, cura nossa febre, seca nossas lágrimas, para que possamos sobreviver nesse baile sobrenatural, onde "há tanta pressão, tanta confusão, tanta vertigem pelo ar".

Queremos ver a lua nascer na tarde clara, sem lágrimas, sem remorsos, conscientes de que em cada dia, em cada minuto há mais sonho e sabedoria do que nos vago séculos do homem.

Ensina-nos a não nos afligirmos com a pétala, que voa, porque a vida é uma pobre rosa dos ventos: "cai a flor, deixa o perfume". "Também é ser deixar de ser."

POESIAS

VIAS DO INFINITO SER

sem a ordem do dia
do sobrenatural
não haveria
a natural ordem
das coisas da noite...

da noite para o dia
silentes instantes
tornam-se eternos...

do dia para a noite
palavras saltam muralhas
e viram estrelas...

instantes e estrelas
conhecem os refúgios do tempo
mas desentendem
a quietude das pedras
e a saga dos pássaros
translúcidos
do sétimo céu...

por via das dúvidas
há vias de certezas
que nos desafiam a percorrer
in/conscientemente
e em perfeita claridade
a via lactea e o infinito
do nosso ser...

RUBENIO MARCELO

CRUZEIRO DA VIDA

E eis que se cruzam nossos vãos caminhos...
Eu levava, na frente, frio cansaço;
Tu levavas, ao léu, florais carinhos...
Sonhos de virgem
Da vida à origem
Tecendo ninhos...
Fiz-me, então, um cruzeiro pelo espaço,
Aos teus sonhos de amor – te abrindo os braços!

Hoje, a dois, pervagamos pelo mundo:
Duas vidas que fogem de um colapso,
Às crinas de um corcel já moribundo...
Fria voragem,
Fim de viagem
Do poço ao fundo...
Mas vou formando cruzeiros pelo espaço
Aos teus sonhos febris – te abrindo os braços!

Mesmo em sepulcro sonharei contigo!
Pois sempre quando
Fores chorando
Ao meu jazigo,
Vais vislumbrar, na imóvel cruz do espaço,
Minha imagem a sorrir – te abrindo os braços!...

GERALDO RAMON PEREIRA

ERA DO BRONZE

Era do Bronze, no Médio Oriente.
Bronze que era a riqueza de então.
Grandes cidades fundidas no bronze
Era do bronze a armadura do herói
Bronze era sangue escorrendo no chão.

Hoje o metal tem valor diferente
Derrama-se em arte em mãos de artesãos.
Bronze na praça é figura valente,
na torre da igreja é oração.
Bronze no peito é medalha luzente,
no bolso, é moeda corrente.
Bronze é requinte na decoração.

ILEIDES MULLER

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

1 – RÊMOLLO LETTERIELLO É O CONVADADO PALESTRANTE DO CHÁ ACADÊMICO DESTE MÊS – Será na próxima quinta-feira (25/05), a partir das 19h, na Sala Rubens Corrêa (Centro Cultural Octávio Guizzo - Rua 26 de Agosto, 453) o evento cultural 'Chá Acadêmico da ASL'. E o convidado desta edição do mês é o ilustre desembargador aposentado (e ex-presidente) do TJ/MS, advogado e mediador, Rêmolo

Letteriello, que é também escritor e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, ocupando a Cadeira nº 22. Na ocasião, discorrerá sobre o relevante tema: "Modernos Métodos de Resolução de Conflitos". Rêmolo lançou recentemente o seu novo livro intitulado "Temas de Mediação no Direito Comparado / A Mediação em 66 países", pela Ed. Conceito Editorial.

Atualmente numa parceria com a

FCMS, e sempre aberto aos convidados, o "Chá Acadêmico da ASL" acontece na última quinta-feira de cada mês

2 – NA MANHÃ DESTE SÁBADO, RUBENIO MARCELO AUTOGRAFA SEU NOVO LIVRO NO ESPAÇO CHICO XAVIER – acontece hoje (20/05), a partir das 9h30min, no Espaço Chico Xavier (Arquitética - Rua Dom Aquino, 431, Centro,

Campo Grande), especial programação cultural com o poeta escritor e acadêmico Rubenio Marcelo, o convidado desta edição do Sábado Cultural, e que estará interagindo com os convidados e autografando o seu novo livro "Vias do Infinito Ser", obra que foi lançada com grande sucesso na terça-feira p.p. (16/05) no Teatro Prosa – SESC Horto, que ficou repleto. Também músico/compositor, Rubenio mesclará a pauta

de hoje com composições musicais de sua autoria e em parcerias. Neste evento consta a participação de declamadores do Curso Castro Alves, que recitarão poemas constantes no livro "Vias do Infinito Ser" – aprovado pelo FIC-MS, contendo 115 poemas inéditos em versos livres, com prefácio do crítico literário José Fernandes e apresentação de Paulo Nolasco, este é o 11º livro autoral de Rubenio Marcelo.